

Agronegócio reduz desigualdade no Centro-Oeste do país

Empregos gerados pela atividade levou a melhorias nos serviços públicos e fez região se aproximar do Sul e Sudeste

Apesar de melhoras na região, cidades brasileiras levarão 26 anos para ter alto grau de desenvolvimento

PEDRO SOARES
DO RIO

Cidades brasileiras que tinham os piores indicadores de emprego, renda, saúde e educação entre 2000 e 2009 conseguiram melhorias nesses setores, mas ainda vão levar 26 anos, a contar de agora, para alcançar um elevado grau de desenvolvimento.

Há, porém, uma exceção: o Centro-Oeste. Apoiada na expansão da fronteira agrícola e seu impacto no emprego, a região saiu de um patamar de desenvolvimento similar ao do Norte e Nordeste e se aproximou do Sudeste.

Tal retrato pode ser extraído do Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal, um indicador preparado por economistas da federação das indústrias fluminenses.

O levantamento faz um raio-X do país com base em três indicadores: renda e emprego formal, saúde e educação. E se assemelha ao IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), divulgado pela ONU na semana passada.

Encabeçada por Barueri (SP), a lista dos 15 municípios

com os mais altos níveis de desenvolvimento tem 14 cidades paulistas. A hegemonia quase absoluta é quebrada por Lucas do Rio Verde (MT), na oitava posição.

O município é um dos mais dinâmicos do cinturão da soja de Mato Grosso, maior produtor do país e polo da agroindústria que processa o grão, além de sede de uma ampla rede de frigoríficos.

Mais duas cidades de Mato Grosso estão entre as cem mais desenvolvidas: Primavera do Leste e Sorriso. As três apresentam evolução rápida no item emprego e renda —impulsionados pelo bom

preço da soja e dos demais grãos no exterior e as sucessivas safras recordes.

A pesquisa mostra que o efeito da renda maior no Centro-Oeste se irradiou, via tributos, para os cofres das várias cidades dos Estados, que passaram a prestar melhores serviços públicos.

Isso se traduziu em bons índices em educação e especialmente em saúde nesses três municípios, diz Júlio Miragaya, pesquisador do Conselho Federal de Economia.

“A expansão da fronteira agrícola fez o Centro-Oeste se destacar e explica essa redução regional da desigualdade que não se vê no Norte e no Nordeste”, afirma Luciana Sá, diretora da Firjan.

Em 2009, o Centro-Oeste tinha 83,4% das cidades com alto ou moderado grau de desenvolvimento, percentual semelhante ao do Sudeste (86,4%), que só perdia para o Sul (96,2%).

No mapa do desenvolvimento das cidades, porém, persiste uma linha imaginária que corta o país a partir do sul da Bahia e norte de Minas Gerais e se estende pelas franjas da Amazônia.

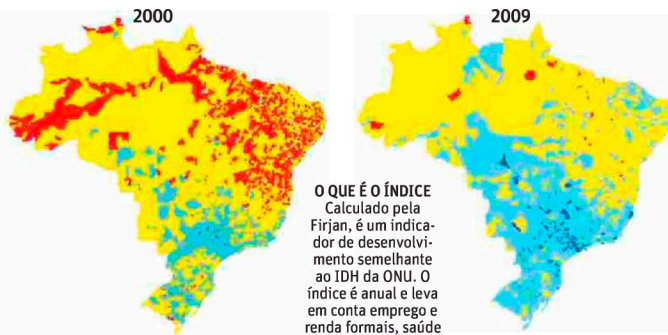
A linha revela a desigualdade que separa Sul, Sudeste e mais recentemente o Centro-Oeste, onde estão os municípios com alto ou moderado nível de desenvolvimento, do Norte e Nordeste.

DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL

Índice das cidades aumentou em nível quase constante de 2000 a 2009

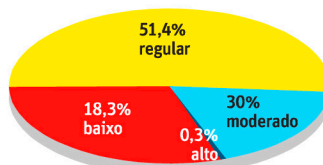
Grau de desenvolvimento dos municípios

■ baixo (até 0,4) ■ regular (0,4 a 0,6) ■ moderado (0,6 a 0,8) ■ alto (mais de 0,8)



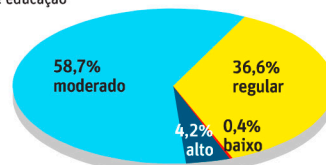
O QUE É O ÍNDICE

Calculado pela Firjan, é um indicador de desenvolvimento semelhante ao IDH da ONU. O índice é anual e leva em conta emprego e renda formais, saúde e educação



19 cidades

com alto desenvolvimento



235 cidades

com alto desenvolvimento

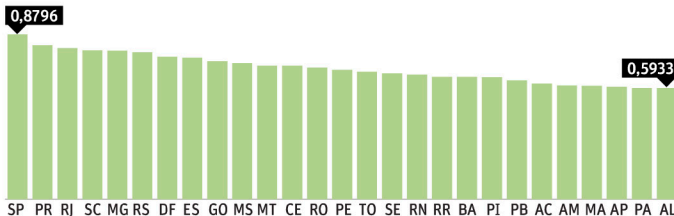
↑ Cinco maiores em 2009

SP Barueri	0,9309
SP Paulínia	0,9290
SP Araraquara	0,9281
SP Ribeirão Preto	0,9239
SP São José do Rio Preto	0,9202

↓ Cinco menores em 2009

MA Brejo de Areia	0,3558
BA Nova Redenção	0,3534
AL Monteirópolis	0,3512
AC Tarauacá	0,3421
MA São Félix de Balsas	0,3413

Ranking dos Estados em 2009



Fonte: Firjan

▶ DESENVOLVIMENTO

PAÍS TEM 22 CIDADES NA LANTERNA

Existem atualmente 22 cidades do país que estão na lanterna do desenvolvimento —ou seja, têm os piores indicadores de saúde, educação, emprego e renda. Elas representam 0,4% dos 5.564 municípios brasileiros. Apesar do fosso que ainda as separa de regiões mais desenvolvidas, em 2000 a situação era pior: elas eram 18,3% das cidades.